

Três contos ídiches



Littérature by Francis Picabia

O "shtetl" em pânico

I. L. Peretz

Tradução e apresentação de JACÓ GUINSBURG

Este conto de I. L. Peretz faz parte de um conjunto de curtos relatos independentes, mas ligados pelo tema, que o autor compôs em 1894, sob o título de Beschas megueife (Durante a peste). A série descreve, em perspectiva realista e tom crítico, as condições de vida da cidadezinha judia do leste europeu. O tão decantado shtetl – que serviu de motivo a um caudal de visões idílicas na moderna literatura ídiche, principalmente à medida que seus autores se distanciavam histórica e/ou geograficamente daquele mundo – é visto aqui por Peretz, que de certo modo foi um dos primeiros a romantizar alguns dos aspectos da cidadezinha, em cores terrivelmente sombrias. Elas correspondem sem dúvida à realidade material e social de que milhões de judeus tentaram escapar, no fluxo emigratório que os levou aos quatro cantos do globo terrestre. O sensível idealizador das potencialidades espirituais do homem do shtetl, como anima popular e devoção religiosa, sobretudo hassídica, conheceu muito bem os demônios que assombravam, sob a forma de miséria, atraso, ignorância, insalubridade, crendice, o cotidiano de sua gente e não hesitou em pô-los à mostra; assim como, décadas mais tarde, sob uma outra luz, Isaac Baschevis-Singer – cujo conto vem após o de Peretz –, não menos familiarizado do que Peretz com o shtetl judeu, sacaria à luz, a uma luz freqüentemente cruel, grotesca, desvairada, os fantasmas interiores deste segmento do judaísmo, e a tal ponto que, por vezes, sobretudo em face das circunstâncias ainda mais impiedosas da existência moderna na aldeia global, procura se penitenciar, como em O penitente (Der Baal-Tschuve), de sua fantasmagórica focalização daquela forma de vida. Mas é a expiação tardia de um crente esvaziado de suas crenças...

“Ela vem vindo! Ai, meu Deus, já está perto. Nas aldeias em redor há perigo de morte! Ó Senhor do Universo! O que fazer?” Não dê oportunidade a Satã, diz o ditado: não se deve levar aos lábios o nome da peste, mas o medo pesa feito uma pedra sobre o coração.

E todos os dias chegam novas notícias: em Apt, um aguadeiro judeu caiu com as cambas e tudo no meio da rua... Em Ostrovitze autopsiaram dois judeus. Em Brodkov há um médico e um estudante de Varsóvia. Rochev está isolada do mundo, ninguém pode entrar nem sair.

Radom inteira encontra-se cercada por um cordão de cossacos... Em Zvizmir, Deus nos guarde!, dizem que morre gente como moscas. É um horror!

O comércio se enfraquece e a devoção se fortalece. Negociantes de cereais têm medo de se mexer do lugar. Iossel, o grandão, já vendeu o cavalo e a carroça – que pena da aveia. Os mercadores de grão apertam cada dia mais o cinto sobre as barrigas vazias, em suas casas o espaço aumenta a cada semana: todas as sextas-feiras tiram outro objeto a fim de empenhá-lo para o sábado! O artesão, e até um respeitável patrão, vira amiúde um trago a mais, procura animar-se, tomar coragem... No entanto, o taberneiro não faz negócio, raramente aparece um campônio na cidade... Mas a mulher do curandeiro trocou o *scheitl*⁽¹⁾ por um bandó para o cabelo. Um *maskil*⁽²⁾ mascarado queimou sobre um monte de pedras um número do *Amor a Sião* e pôs-se a recitar os Salmos. A empregada do encarregado dos banhos procurou o rabino para propor-lhe uma questão, pois... todas as sextas-feiras costumava espiar pelo buraco da fechadura o banho dos homens... Um moço qualquer, não querem revelar o seu nome, já está jejuando há um mês e pensa em privar-se até da companhia de sua mulher. Só Deus sabe por qual pecado! Parte dos alfaiates está devolvendo aos fregueses o pano que sobra. Os açougueiros estão dando a mais no peso. Só Iruham, o prestamista, não aceita menos de dez por cento ao mês com uma letra e um penhor... É um coração... que só de pedra!

E nos rostos não se vê um pingo de cor, todos macilentos, lívidos; os lábios – arroxeados, desbotados; os olhos – esbugalhados; as cabeças caídas. Na rua, reina um estranho silêncio: apenas grupinhos dispersos, aqui e acolá, homens à parte e mulheres também, segredam sem voz, balançam as cabeças, agitam as mãos e levantam a todo momento os olhos úmidos para o céu de chumbo que se estendeu sobre o *scheitl*⁽³⁾... Até na Casa de Estudos⁽⁴⁾ reina o silêncio durante o serviço da tarde e da noite. Em compensação, a parte reservada às mulheres está superlotada mesmo para o serviço da tarde e da noite... A todo instante, pelas grades de ferro do balcão feminino da sinagoga, irrompe um choro tão lamentoso que até os cabelos dos homens ficam de pé! Todas as noites são noites de *Kol Nidrei*⁽⁵⁾. É um mar de lágrimas.

O que fazer? Qual a solução, qual o conselho?

Em Varsóvia, segundo contam, abriram casas de chá para os pobres e até instalaram uma cozinha barata. Estão distribuindo carvão, roupas e comida gratuitamente. Todas essas medidas são à moda dos “outros”, tudo para imitar os outros povos e talvez para agradar o chefe da polícia! Aqui, porém, existem outros meios de caridade: “Meier o milagreiro”, judeus santos... e até remédios mais certos! Logo na véspera de *schabes*⁽⁶⁾, colocam as velas sabáticas junto à janela... Fora do povoado, Vassilí tem um moinho. De noite, vão tirar os seus forcados e enterrá-los no campo-santo. Vão casar um órfão com uma órfã. Farão o máximo possível! Infelizmente esses remédios todos são coisas eternas e, apesar disso, na primeira epidemia, o mercado inteiro cobriu-se de mato e no meio só havia algumas trilhas batidas pelos homens da irmandade funerária.

Além disso, e pior do que a própria peste, são as desinfecções, os isolamentos, as quarentenas e, Deus nos livre e guarde!, as autópsias. Afinal de contas, uma pessoa não vive eternamente, a gente morre apenas uma vez... Mas a vida e a morte estão nas mãos do Misericordioso. Adianta, pois, chorar, pedir, penitenciar-se. O ato de caridade é um santo remédio... Aquilo, porém, está na mão de gentios. Eles arrancam o tutano dos ossos, a gente paga os olhos da cara e, não adianta, eles autopsiam! Cortam o defunto, Deus nos livre e guarde!, em pedacinhos, enterram-no sem mortalha, no piche... No hospital é ainda pior, lá envenenam a gente... Queimam a inocente roupa de cama, ou estendem um cordão de cossacos, é um horror, só a gente morrendo de fome ou comendo um ao outro... Ah! É preciso começar a fazer alguma coisa, não se pode deixar que o inimigo entre na cidade!

As velas sabáticas já se acham nas janelas, já foram tomadas providências no que se refere ao moinho de Vassilí, já se fala no casamento entre um órfão e uma órfã! O pavor cresce dia a dia... Havia esperança que o perigo se dissipasse com o verão, com os grandes calores...

Tudo já passou, os Dias Terríveis ficaram para trás, a Festa dos Tabernáculos também... O frio já penetra nos ossos e até a neve já aparece de vez em quando, mas a praga se aproxima cada vez mais e mais! Que Deus nos proteja e salve!

1 *Scheitl*, peruca que toda mulher judia, depois de casada, devia usar por sobre os cabelos naturais.

2 *Maskil*, “nacionalista”, partidário da modernização do judaísmo.

3 *Scheitl*, “cidadezinha” judia da Europa Oriental.

4 Casa de Estudos, *besamedresch*, em ídiche, ou *beit-hamidrasch*, em hebraico sinagoga e local de estudos pios.

5 *Kolnidre*, em ídiche, *Kol Nidrei*, em hebraico, “Todos os votos”, declaração de anulação dos votos com que começa o Iom Kipur.

6 *Schabes*, em ídiche, “sábado”.